



O “boom do subalterno” na literatura mexicana recente – olhares sobre a animalidade

The “boom of the subaltern” in recent Mexican literature – perspectives on animality

Renata Farias de Felipe

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul / Brasil

renafelippe@yahoo.com.br

Resumo: Vozes da literatura atual têm chamado a atenção para a “estranha familiaridade” entre animais humanos e não humanos, estreitamento que abala preceitos humanistas e que oferece um ponto de vista relevante para a discussão das alteridades. Os questionamentos decorrentes dessa contiguidade oferecem perspectivas estratégicas para se (re)pensar as produções literárias de países que, segundo Néstor Garcia Canclini, lidam com antigas desigualdades e, ao mesmo tempo, com as demandas pós-modernas. Considerados esses elementos, o objetivo deste trabalho é discutir a questão da animalidade como uma espécie de chave de leitura capaz de oferecer novos ângulos analíticos voltados para problemáticas recorrentes na literatura hispano-americana atual, mais especificamente, na literatura mexicana contemporânea. O desenvolvimento dessa análise terá a novela *Salón de belleza* (1994), de Mario Bellatin, e o conto “Guerra en los basureros” (2013), de Guadalupe Nettel, como referências ficcionais.

Palavras-chave: animalidades; literatura mexicana contemporânea; literatura hispano-americana; alteridades.

Abstract: Voices of contemporary literature have been drawing attention to the “strange familiarity” between non-human and human animals, a narrowing that shakes Humanist precepts and offers a relevant point of view for the discussion about othernesses. The questions derived from such contiguity offer strategic perspectives to (re)think literary productions that deal with both former inequalities and post-modern demands, as mentioned by Néstor Garcia Canclini. Considering these elements, this study aims to discuss the issue of animality as a kind of interpretative key capable of providing

new analytical angles on repeated topics in current Hispano-American literature, more specifically in contemporary Mexican literature. The development of this analysis will have the novella *Salón de belleza* (1994), by Mario Bellatin, and the short story “Guerra en los basureros” (2013), by Guadalupe Nettel, as fictional references.

Keywords: animalities; contemporaneity; Mexican literature; Hispano-American literature; othernesses.

Espécie de resposta aos “fluxos desumanizantes do neoliberalismo contemporâneo”, a denominada “virada animal”, incidente tanto no âmbito da representação literária quanto da crítica, tem demonstrado aos leitores “formas poderosas de imaginar novas virtualidades do inumano e de suas comunidades possíveis, oferecendo ferramentas para pensar [...], modos de responsabilidade que respondam à questão do vivente em suas múltiplas transformações e mutações”.¹ Tratada literariamente, a proximidade entre animais humanos e não humanos revela aos primeiros a parte mais íntima da antiga humanidade, estreitamente capaz de apresentar novas forças históricas, ao mesmo tempo em que, segundo Nascimento,² retira dos não humanos as depreciativas insígnias de “besta” ou de “fera”.³ Outro aspecto relevante a respeito da ênfase sobre a problemática da animalidade é o seu caráter pleno de possibilidades emancipatórias, as quais podem, inclusive, refuncionalizar a atuação do literário: no discurso pela “libertação” das espécies, a “literalidade da letra, em relação tensa com a sua antiga literariedade”, contribui para “o deslocamento de certos dogmas da tradição humanista e falologocêntrica”.⁴ Assim, a referida abordagem reinsere o literário na arena dos embates constantemente renovados da denominada pós-modernidade.

Seja nas ficções de escritores já consagrados como J. M. Coetzee e Mario Bellatin, seja na produção de autores em crescente visibilidade,

¹ GARRAMUÑO. Região compartilhada: obras do animal-humano, p. 114.

² NASCIMENTO. Rastros do animal humano: a ficção de Clarice Lispector, p.132.

³ A contiguidade entre animais humanos e não humanos envolve uma série de problemáticas impossíveis de serem tratadas em um mero artigo. Assim, nesta análise, será privilegiado o “desejo de recuperar a animalidade perdida ou recalçada, contra a qual foi sendo construído, ao longo dos séculos, um conceito de humano e de humanidade” (MACIEL. Poéticas do animal, p. 85-86), ângulo explorado pelas ficções de Bellatin e de Nettel – através das caracterizações de suas personagens humanas.

⁴ NASCIMENTO. Rastros do animal humano: a ficção de Clarice Lispector. p. 128.

como a mexicana Guadalupe Nettel e o brasileiro Joca Reiners Terron, a projeção dada à outridade animal, nesses escritores, assume conotações que ultrapassam a problemática das responsabilidades humanas em relação às demais espécies. Para Nascimento, a denominada virada animal significa uma espécie de “pulo do gato”, já que envolve “a possibilidade de dar a volta por cima no que se refere à tragédia colonizadora do Homem (sujeito masculino e representante máximo da espécie) sobre as demais espécies animais ou sobre as espécies do vivo”.⁵ A possibilidade de contornar a “tragédia colonizadora” pode ter contribuído para o fato de a animalidade ser tratada com maior frequência – pelo menos, desde a segunda metade do século XX – pelas produções de escritores de países periféricos (como Lispector, Rosa, Borges, Cortázar, Coetzee, Bellatin, Nettel).

Ao tratar o recente fenômeno que denomina como “*boom* do subalterno” na literatura latino-americana, Mabel Moraña chama a atenção para a necessidade de se repensar outridades, tendo em vista os assujeitamentos historicamente impostos à América Latina, o uso mercadológico das subalternidades em tempos de consumo globalizado, bem como a necessidade de recomposição estratégica e escriturária das esquerdas.

Eu me atreveria a dizer que para o sujeito latino-americano, que ao longo de sua história foi sucessivamente conquistado, colonizado, emancipado, civilizado, modernizado, europeizado, desenvolvido, conscientizado, desdemocratizado (e, com toda impunidade, redemocratizado), e agora globalizado e subalternizado por discursos que prometeram [...] a liberação de sua alma, a etapa presente poderia ser interpretada como o modo pelo qual a esquerda que perdeu a revolução tenta recompor a sua agenda, sua missão histórica e sua centralidade letrado-escriturária buscando definir uma nova “outridade” para passar [...] da representação à representatividade.⁶

⁵ NASCIMENTO. Rastros do animal humano: a ficção de Clarice Lispector, p. 124.

⁶ “Me atrevería a decir que para el sujeto latinoamericano, que a lo largo de su historia fuera sucesivamente conquistado, colonizado, emancipado, civilizado, modernizado, europeizado, desarrollado, concientizado, desdemocratizado (y, con toda impunidad, redemocratizado), y ahora globalizado y subalternizado por discursos que prometieron [...] la liberación de su alma, la etapa presente podría ser interpretada como el modo en que la izquierda que perdió la revolución intenta recomponer su agenda, su misión histórica y su centralidad letrado-escrituraria buscando definir una nueva “otredad”

Consideradas as questões, a abordagem da contiguidade entre animais humanos e não humanos é estratégica, já que o enfoque permite a discussão em torno das subalternidades (históricas) e das planificações (contemporâneas), considerando-se as implicações de caráter sócio-histórico-político-econômico-culturais transversalmente. Tratar o denominado “boom do subalterno”, portanto, requer um olhar não canônico, não imanentista, capaz de ultrapassar perspectivas estritamente historiográficas, sociológicas, ou ainda, orientadas pelos preceitos do velho humanismo.

Conterrâneos, tanto Bellatin quanto Nettel estão atentos às “anomalias” aparentes, às imperfeições, ao grotesco em suas respectivas ficções. Em suas narrativas, as relações de violência, de exploração e/ou de parasitismo entre as personagens, bem como as contiguidades entre animais humanos e não humanos são exploradas. Nos seus respectivos universos ficcionais, os espaços por onde as personagens circulam muitas vezes não são citados diretamente, porém, em suas narrativas, uma violência surda, sempre a ponto da irrupção; as tensões entre posturas reacionárias, (pretensamente) progressistas e libertárias; a corrupção institucional; os contrastes entre as classes sociais, bem como as referências aos complexos meandros do racismo e do machismo, tratados de modos mais ou menos explícitos, remetem aos muitos impasses enfrentados hoje, sobretudo, nos países latino-americanos, espaços onde, a despeito da superação dos paradigmas alardeada pela pós-modernidade, as benesses da modernidade sequer chegaram, ou chegam, à grande parte da população.⁷

Ambos os escritores também tratam as suas incontornáveis estranhezas aparentes em suas produções literárias. Usuário de uma prótese ortopédica (providencialmente, em forma de gancho), Bellatin

para pasar [...] de la representación a la representatividad” (MORAÑA. El boom del subalterno, p. 7, tradução minha).

⁷ Sobre os referidos descompassos, Canclini (1989) revela: “[e]nquanto na arte, na arquitetura e na filosofia as correntes pós-modernas são hegemônicas em muitos países, na política e na economia latino-americanas prevalecem os objetivos modernizadores”. Assim, para que ficaríamos preocupados “com a pós-modernidade se, no nosso continente, os avanços modernos não chegaram de todo nem a todos? [...] Nem o progressismo evolucionista, nem o racionalismo democrático foram, entre nós, causas populares”. Ainda segundo Canclini, a modernidade nos países latino-americanos seria um “simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos estatais”, sobretudo, aqueles “que se ocupam da arte e da cultura”. (Cf. CANCLINI. *Culturas híbridas*, p. 24-25.)

explora temas como a mutilação, a doença e a deficiência de forma insistente em suas narrativas. Nettel, portadora de uma mancha branca na pupila direita, que externaliza também a sua deficiência visual, trata insistentemente as temáticas da cegueira, da doença, das belezas imperfeitas, do cultivo de hábitos e de vícios que estão fora do mundo das aparências. Assim, as “imperfeições”, que singularizam as figuras dos escritores e que participam da construção de suas personas públicas, são mais do que elementos que se sobrepõem à leitura: evidentes e inevitáveis, elas movem também as circunscrições autorais, dinamizando a construção de espaços ficcionais onde “o anômalo cava seu lugar no interior da norma”.⁸ Na arena das representações diegéticas, as animalidades “cavam” também os seus territórios, intrusão estratégica não só por revelar as precariedades humanas, mas também por demonstrar o que há de indômito e de resiliente na humanidade. Por outro lado, essa ênfase chama a atenção tanto para a estranha lógica vigente no mundo animal, quanto para as relações de violência e de dominação entre as espécies.⁹

Narrativa inspirada no caso de um cabeleireiro peruano que abrigava enfermos vitimados pelo vírus HIV nos anos 1990, *Salón de belleza*, de Mario Bellatin, espécie de tanatografia latino-americana, é narrado por um/a ex-cabeleireiro/a e ex-travesti que cuida de um Morredouro, onde os enfermos de uma doença não nomeada aguardam a morte após terem sido abandonados pelo Estado, por seus parceiros e por suas famílias. Local onde o mínimo necessário para uma morte digna é oferecido, o Morredouro é um espaço estéril de afetos, regido pelo/a protagonista de modo mais pragmático possível. Também vitimado/a pelo vírus, o/a narrador/a conserva os aquários que outrora serviam para adornar o antigo e próspero salão de beleza. À medida que o salão se transforma em Morredouro, a vida nos aquários também vai

⁸ TERRON. Prefácio. (As páginas do livro não são numeradas.)

⁹ A violência inerente ao mundo animal não significa que o animal humano esteja livre de certas responsabilidades em relação às demais espécies e à sua. Segundo Haraway, “[n]osso problema, a meu ver, é nos engajarmos seriamente na enormidade de práticas reais através das quais animais trabalhadores (e suas pessoas) são tornados incompetentes, de modo a serem reduzidos à condição de valor. Nós – quem quer que seja que venha a reconhecer e se responsabilizar por essas práticas – devemos agir sem perpetrar ainda mais extermínios, obliterações, reduções e genocídios de multiespécies humano-animal-vegetais”. (Cf. AZEREDO; HARAWAY. *Companhias multiespécies nas naturezaculturas*, p.393-394.)

se extinguindo, a água vai se tornando turva e o que se passa no interior das *peceras*, torna-se inacessível ao olhar do/a protagonista.

Os motores de oxigênio estão todos inutilizados, menos um, [...]. Quando a situação é alarmante, encho um recipiente e deixo que a água repouse vinte e quatro horas. Jogo a água neste único aquário que ainda se mantém com vida. Em geral, os peixes, que estavam letárgicos pela falta de líquido suficiente, começam a se mover de um extremo a outro do aquário. Mas se movem com dificuldade, pois apesar da água renovada continua luzindo no aquário essa cor verde escura que o caracteriza. É tanta turbidez, que de fora apenas identifico as formas em movimento. Por isso, perdi a conta do número exato de peixes com vida. Suspeito que sejam apenas três.¹⁰

A existência dos peixes no interior do aquário, precária, restrita aos cuidados mínimos por parte do/a narrador/a, remete tanto ao cotidiano dos hóspedes do Morredouro, quanto ao declínio físico e emocional do/a protagonista. Vitimada por um misterioso fungo, a população de peixes diminui drasticamente, acontecimento que coincide com a agonia do/a protagonista, também vitimado/a pela misteriosa doença e também enclausurado/a no espaço restrito e insalubre do Morredouro. As relações de espelhamento entre os espaços (salão-aquários; Morredouro-aquários) estendem-se aos espelhamentos entre as formas viventes:¹¹ entre os peixes

¹⁰ “Los motores de oxígeno estan todos inservibles, menos uno, [...]. Cuando la situación es alarmante, lleno un recipiente y dejo que el agua repose veinticuatro horas. La arrojé luego sobre esta única pecera que aún se mantiene con vida. Por lo general los peces, que han estado aletargados por falta del líquido suficiente, comienzan otra vez a moverse de un extremo a otro del acuario. Pero lo hacen con dificultad, pues a pesar del agua nueva la pecera continúa luciendo ese color verde oscuro que la caracteriza. Es tanta la turbidez, que desde el exterior apenas si distingo las formas en movimiento. He perdido, por eso, la cuenta del número exacto de peces que se mantienen con vida. Sospecho que son sólo dos o tres” (BELLATIN. *Salón de belleza*, p. 23, tradução minha).

¹¹ Aqui reiteramos o posicionamento abordado no artigo “Mario Bellatin: agonizando no *Salón de Belleza*”: “*Há um curioso processo de espelhamento* ao longo da narrativa em que os peixes introduzidos nos aquários ao longo do tempo podem ser associados aos moribundos infectados recolhidos pelo/a cabeleireiro/a. [...]. *A metamorfose espacial narrada ao longo da narrativa*, que toma como eixo a peste e a transformação gradual do salão de beleza em Morredouro, replica-se também, como em *um jogo de espelhos, nos aquários que decoram o ambiente. Os aquários – bem como os pequenos peixes*

e as clientes do salão (no período de prosperidade), entre os predadores aquáticos e o vírus mortal (quando o salão passa a ser o Morredouro), entre os predadores aquáticos e os *matacabros* (grupo homofóbico “à caça” dos homossexuais da cidade) podem ser observadas simetrias. Sobre a proximidade entre os peixes contaminados e o/a protagonista, o/a narrador/a revela:

Eu me sentia como aqueles peixes tomados pelos fungos, dos quais até os seus predadores naturais fugiam. Em mais de uma oportunidade, fiz testes que deixaram claro que os peixes atacados pelos fungos se tornavam sagrados e intocáveis. [...] Qualquer peixe com fungos só morria desse mal. Talvez acontecesse o mesmo comigo se me aventurasse a visitar novamente as saunas ou se saísse pelas ruas à noite.¹²

No fragmento, a proximidade com o não humano, a enfermidade e o abjeto têm os seus sentidos associados ao âmbito da invencibilidade, associação que permite ao leitor entrever “o anômalo cava[ndo] o seu lugar”, já que a “maldição” da doença permite que o/a personagem marginalizado/a desfrute de uma inédita sensação de segurança. Assim como outros *gays* e travestis da cidade não nomeada, o/a protagonista está sujeito/a à perseguição dos *matacabros*, porém, ao ter consciência do contágio, passa a questionar se o seu infortúnio não funcionaria como uma espécie de “blindagem”. Condenado/a ao desaparecimento solitário, o/a personagem parece resistir à condição de *matável* (pelos *matacabros*), quando opta pela reclusão e pelo auxílio aos semelhantes. Ciente de sua condição *insacrificável*, também rejeita qualquer acesso ao tradicionalmente entendido como sagrado e/ou ascético.¹³ Refugiado/a

que os habitam – refletem a deformação, a degradação e a deterioração dos corpos dos homens infectados e agonizantes” (ALÓS; FELIPPE. Mario Bellatin: agonizando no *Salón de Belleza*, p. 313, grifos dos autores).

¹² “Me sentía como aquellos peces tomados por los hongos, a los cuales les huían hasta sus naturales depredadores. En más de una oportunidad realicé cierta prueba donde quedaba claro que los peces atacados por los hongos se volvían sagrados e intocables. [...] Cualquier pez con hongos sólo muere de ese mal. A mí tal vez me sucedería lo mismo si me aventuraba a visitar nuevamente los baños o salir a las calles de noche” (BELLATIN. *Salón de belleza*, p. 32, tradução minha).

¹³ Em *Homo sacer*, Giorgio Agamben, trata das condições *matável* e *insacrificável* daqueles cujas vulnerabilidades fazem as suas mortes serem tratadas como

no Morredouro, ao comportar-se como uma espécie de guardião/ã da morte, o/a protagonista (re)cria para si um espaço de inviolabilidade, não de ascese.¹⁴ Quando as marcas do vírus se tornam indisfarçáveis, o/a personagem passa a ostentar as cicatrizes que lhe tornam insuscetível pela sua condição abjeta, “danificada”. A resignação diante da morte e do sofrimento inevitáveis, a certeza de que a redenção é uma impossibilidade também permeiam a perspectiva do/a protagonista:

Porém, devo me manter fiel às razões originais do Morredouro. Não à maneira das Irmãs de Caridade, que logo que souberam da nossa existência quiseram nos assistir com trabalhos e orações piedosas. Aqui ninguém está cumprindo nenhum sacerdócio. O trabalho feito segue um sentido mais humano, mais prático e real. Há outra regra, que não tenho mencionado por medo que me censurem, e é que no Morredouro estão proibidos os crucifixos, as imagens e as orações de qualquer tipo. As feridas em minhas bochechas se estenderam por todo o meu corpo. [...] Tratei de me resignar e de exibir as chagas com orgulho.¹⁵

No fragmento, o sentido de “humanidade” está distanciado da ideia de “sacerdócio” e de culto. Rejeitar os signos e os rituais cristãos significa recusar a benevolência e a esperança, negações que afastam o/a personagem do que entendemos por humano. Ostentar com orgulho as próprias chagas, signo associado à redenção, na passagem, pode ser visto como um ato de entrega ao infortúnio despido de compensações, o

insancionáveis. Em *Salón de belleza* o/a personagem resiste a ambas as condições.

¹⁴ O/a protagonista, inclusive, rejeita qualquer auxílio por parte das instituições religiosas, não permite que os seus hóspedes alimentem esperanças de cura e/ou de redenção, bem como cerra as portas do Morredouro aos seus dessemelhantes (no caso, mulheres e crianças).

¹⁵ “Sin embargo, debo ser fiel a las razones originales que tuvo este Moridero. No a la manera de las Hermanas de la Caridad, que apenas se enteraron de nuestra existencia quisieron asistimos con trabajo y oraciones piadosas. Aquí nadie está cumpliendo ningún tipo de sacerdocio. La labor que se hace obedece a un sentido más humano, más práctico y real. Hay otra regla, que no he mencionado por temor a que me censuren, y es que en el Moridero están prohibidos los crucifijos, las estampas y las oraciones de cualquier tipo. Las heridas de mis mejillas se extendieron pronto por todo el cuerpo. [...] Logré resignarme y traté de lucir las llagas con orgullo” (BELLATIN. *Salón de belleza*, p. 31, tradução minha).

que torna o/a personagem um ser impassível, à semelhança dos viventes não humanos. Assim, a partir de sua ótica, “humanizar-se” inclui passagens tanto pela animalidade (se considerada a contiguidade entre o/a personagem e os peixes condenados), pela abjeção, pela fragilidade, mas também pelas tentativas de onipotência (a que tenta exercer no Morredouro). Em *Salón de belleza*, portanto, tornar-se ou ser humano passa pelas muitas formas do inumano, perspectiva que implode a “máquina antropológica do humanismo”.¹⁶

Já o conto “Guerra en los basureros”, de Guadalupe Nettel, é narrado por um entomologista, cujo relato entrelaça o surgimento do interesse pela vida dos insetos à memória individual e familiar. Filho de um casal de artistas, durante o processo de divórcio dos pais, o personagem, ainda criança, é deixado na casa de sua tia Claudine, parente “[q]ue havia conseguido construir uma família funcional, com dois filhos disciplinados, belos e bons estudantes”.¹⁷ É na casa de Claudine que o personagem toma conhecimento não apenas dos hábitos “de classe média com aspirações ianques”¹⁸ dos seus familiares, mas também é surpreendido pelo abismo entre as classes sociais e pelas tensões geradas por essas desigualdades.

É na companhia da empregada doméstica da família de Claudine, Isabel, que o personagem toma conhecimento dos hábitos e dos costumes do México “profundo”; é com ela que assiste ao caos e à violência urbanos, que transita pela cidade das feiras livres, dos indígenas, dos mendicantes, dos assaltos aos passageiros de ônibus. Se Isabel introduz o protagonista no cotidiano de sua cidade e de seu país, Clemencia, mãe de Isabel, anciã que ironiza a frivolidade da família de Claudine, apresenta ao menino um outro universo, simultaneamente, subterrâneo e sagrado: o das *cucarachas*, espécie pela qual a idosa tem especial deferência. Segundo a personagem, as baratas “foram as primeiras povoadoras da

¹⁶ AGAMBEN *apud* MACIEL. Poéticas do animal, p. 84.

¹⁷ “que sí había logrado construir una familia funcional, con dos hijos disciplinados, pulcros y buenos estudiantes” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha). O conto utilizado como referência está no formato *e-book*, desse modo, a numeração das páginas varia conforme o dispositivo utilizado. Assim, optamos por não informar o número das páginas).

¹⁸ “clasemediero con aspiraciones yankies” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

Terra, e mesmo se o mundo acabasse amanhã, sobreviveriam. São a memória de nossos ancestrais”.¹⁹

Após matar uma barata, o narrador-protagonista é surpreendido por Clemencia, que vaticina a retaliação por parte dos insetos: “agora o mais provável é que nos invadam”.²⁰ Concretizado o prenúncio da anciã, as baratas mostram-se invencíveis às medidas convencionais de extermínio, até Isabel adotar uma estratégia drástica: a entomofagia, prática baseada, em parte, nos hábitos alimentares mexicanos, mas também nas estratégias de eliminação utilizadas pelos próprios insetos entre si. A princípio, resistentes à medida, os familiares resolvem executar a estratégia e, aos poucos, não só conseguem combater a invasão, como se tornam unidos pelo inconfessável, como revela o narrador: “Comer as baratas não só nos ajudou a terminar com a praga como também incentivou a amizade entre nós. Eu voltei a comer na mesma hora que os demais [...] Não há nada como um segredo familiar para propiciar a unidade entre parentes”.²¹

Uma moradora da casa se recusa a participar da devoração: Clemencia, “a mais ensimesmada de todas”²² as personagens. Mais uma vez, a personagem antevê as consequências da estratégia adotada, revelando ao protagonista que o extermínio dos insetos, vistos por ela como totêmicos, traria más consequências aos executores: “Tudo o que fazemos se paga nessa vida. Depois, não se queixem de má sorte”.²³ O “preço” pago pelo narrador-personagem é o afastamento (a perda?) de sua mãe que, por motivos não revelados, resolve internar-se em uma clínica. Ainda que fique em aberto o problema de saúde que ocasiona a partida da mãe, ainda que o narrador, já adulto, não fale sobre o destino

¹⁹ “fueron los primeros pobladores de la Tierra y, aunque el mundo se acabe mañana, sobreviverían. Son la memoria de nuestros ancestros”. (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha)

²⁰ “ahora, lo más probable es que vengan a invadirnos” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

²¹ “La ingesta de cucarachas no sólo nos ayudó a terminar con la plaga sino que fomentó la amistad entre nosotros. Yo volví a comer a la misma hora que todos los demás, [...]. No hay nada como un secreto familiar para propiciar la unidad entre los miembros” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

²² “la más circunspecta de todas” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

²³ “todo lo que hacemos se paga en esta vida. Después no se extrañen de su mala suerte” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

da personagem, após a despedida entre mãe e filho, o narrador revela que, naquela noite “caiu um aguaceiro [e] a única companhia que tive nesse momento foi a de uma barata muito pequena [...]. Uma barata órfã, provavelmente assustada, que não sabia para onde ir”.²⁴

A orfandade, literal e/ou metafórica, que aproxima o menino à barata, que revela a identificação por parte do narrador-personagem, traduz a profundidade de sua solidão e de seu desamparo. O personagem não está apenas próximo a uma espécie vista pelo animal humano como abjeta, e, por isso, constantemente massacrada e, por vezes, temida, mas também a um inseto que sobrevive ao extermínio dos seus. Tal aproximação, além de evidenciar a vulnerabilidade do protagonista, torna-se mais estreita quando o narrador, já adulto, revela hábitos relacionados com o que denomina sua “natureza profunda”, como preferir cantos e andar próximo aos muros, à semelhança dos insetos, seus objetos de pesquisa e de trabalho. A empatia pela espécie irrompe após o protagonista enfrentar rupturas familiares – perda literal ou metafórica da mãe, afastamento da família de Claudine –, cujo efeito é o de agudizar o distanciamento entre ele e os demais seres humanos, distância que pode ser percebida através da recusa em atender Isabel e Clemencia e quando o narrador-protagonista, já adulto, reconhece a sua natureza esquiva. Apartado da família, da espécie humana e identificado a uma “comunidade” da qual é impossível fazer parte (a das baratas), o personagem está condenado ao isolamento.

Em “Guerra en los basureros”, o modo como a invasão dos insetos e a contiguidade com o animal “abjeto” são vistas pelas personagens permitem entrever os meandros das lutas de classes, bem como impelem o protagonista e, sobretudo, Claudine a (re)conhecerem o México para além do “condomínio de classe média” onde viviam.²⁵ Clemencia, personagem que vê as baratas como formas totêmicas, ao desdenhar da aflição da família de Claudine, segundo o narrador, filia-se ao “bando” de insetos. Nesse sentido, a anciã parece ser a porta-voz de um mundo arcaico, no qual a simbiose entre animais humanos e não humanos era admitida. A recusa em interagir com a família dos empregadores

²⁴ “cayo un largo aguaceiro [e] la única compañía que tuve en ese momento fue la de una cucaracha muy pequeña [...] Una cucaracha huérfana, probablemente assustada, que no sabía hacia dónde moverse” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

²⁵ “fraccionamento clasemediero” (NETTEL. Guerra en los basureros, tradução minha).

de Isabel e em adotar as suas práticas pode, portanto, representar uma tripla negação: a de fazer parte de uma esfera secular, despida de sacralidade; a de compactuar com as frivolidades da classe privilegiada; a de desrespeitar uma (suposta) ancestralidade que, não por acaso, é pré-colombiana. Isabel, por outro lado, atua com pragmatismo diante da invasão das baratas. Ao refuncionalizar um hábito arraigado na cultura popular de seu país, a personagem encontra um modo de combater a infestação, porém, ao fazê-lo, está a serviço de seus empregadores, ainda que a sua estratégia de combate tenha sido inspirada na tradição popular. Transitando entre as diferentes esferas – arcaicas, populares, “clases medias” – está o protagonista, cujas passagens assinalam o seu não lugar, a sua inadequação, decisiva para que o personagem se identifique, posteriormente, com os insetos.

Personagens circunscritas no espaço entre a onipotência ilusória e a vulnerabilidade recorrente, os protagonistas de *Salón de belleza* e “Guerra en los basureros” revelam as “estranhas familiaridades” entre o humano e as outras espécies animais, identificação traduzida em resiliência e energia bruta. Esses elementos oferecem ao literário modos peculiares de (re)inscrição e de empatia, capazes de forjar comunidades provisórias exatamente quando as ideias de nacionalidade e de pertencimento(s) se mostram pulverizadas ou, em outro extremo, perigosamente totalitárias. Assim, as perspectivas adotadas por Bellatin e Nettel, as quais entrelaçam a questão da animalidade à doença, ao isolamento e ao abjeto, colocam em evidência uma estranha familiaridade que permite ao leitor rever as muitas implicações referentes à subalternização.

A problemática da contiguidade animal em *Salón de belleza* (Bellatin) e “Guerra en los basureros” (Nettel), associada às antigas irresoluções incidentes sobre os países latino-americanos e suas respectivas literaturas, permite o redimensionamento de impasses que parecem ser, ainda hoje, mais agudos naqueles países – como a homofobia, a falência do Estado, a violência urbana, o abismo entre as classes sociais, bem como as tensões resultantes do choque entre valores ancestrais, conservadores e (pretensamente) progressistas. Pelo viés da animalidade, o “boom do subalterno” nas literaturas latino-americanas atuais e, mais especificamente, na literatura mexicana contemporânea, permite a exploração do incontornável por vias que prescindem ao fantástico, seja porque o encontro com o animal recalcado no humano pareça suficientemente surpreendente, seja porque os enfrentamentos cotidianos superem, de forma contínua, quaisquer conjecturas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ALÓS, Anselmo Peres; FELIPPE, Renata Farias de. Mario Bellatin: agonizando no *Salón de belleza*. *Revista Cerrados*, Brasília: UnB, v. 25, n. 42, p. 303-321, 2016.

AZERÊDO, Sandra; HARAWAY, Donna. Companhias multiespécies nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 389-418.

BELLATIN, Mario. *Salón de belleza*. In: _____. *Obra reunida*. Madrid: Alfaguara, 2005. p. 9-38.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. Região compartilhada: dobras do animal-humano. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p.105-116.

MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. In: _____. (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 85-102.

MORAÑA, Mabel. El *boom* del subalterno. CASTRO, Santiago; MENDIETA, Eduardo. (Ed.). *Teorías sin disciplina. Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. Disponível em: <http://www.perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/morana_el_boom_de_lo_subalterno.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

NASCIMENTO, Evando. Rastros do animal humano: a ficção de Clarice Lispector. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 117-148.

NETTEL, Guadalupe. Guerra en los basureros. In: _____. *El matrimonio de los peces rojos*. Madrid: Páginas de Espuma, 2013. *E-book*.

TERRON, Joca Reiners. Prefácio. In: BELLATIN, Mario. *Flores*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Não paginado.

Recebido em: 4 de outubro de 2017.

Aprovado em: 8 de janeiro de 2018.